

Os significados de Belo Monte no discurso das mídias sociais

Los significados de Belo Monte en el discurso de los medios sociales

The meanings of Belo Monte in the discourse of social media

Jouberte Maria Leandro Santos¹

Sérgio Carvalho Benício de Mello²

Resumo O objetivo central deste artigo é explorar o discurso da construção da Usina de Belo Monte sob a ótica dos usuários e seguidores de mídias sociais na internet. Procurou-se entender que imagem está sendo construída pela sociedade sobre esse movimento e através de que argumentos os indivíduos procuram legitimar suas opiniões. A abordagem desse trabalho desenvolve-se na perspectiva da Teoria do Discurso proposta por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e nos estudos de recepção nos meios de comunicação de Stuart Hall.

Palavras-chave: Teoria do Discurso; Usina de Belo Monte; Mídias Sociais

Resumen El objetivo central de este trabajo es explorar el discurso de la construcción de Planta Belo Monte desde la perspectiva de los usuarios y seguidores de las redes sociales en Internet. Tratamos de entender lo que la imagen está siendo construida por la sociedad sobre esta moción y los argumentos a través de los cuales los individuos tratan de legitimar sus opiniones. El enfoque de este trabajo se desarrolla desde la perspectiva de la Teoría del Discurso propuesta por Ernesto Laclau y Chantal Mouffe y los estudios de recepción en los medios de comunicación de Stuart Hall.

Palabras-clave: Teoría del Discurso; Planta Belo Monte; Medios Sociales

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE), Recife, PE, Brasil; joubertemaria@gmail.com.

² Pós-Doutorado pela University of Alberta. Professor associado do Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal de Pernambuco (PROPAD/UFPE) e Pesquisador nível 1D do CNPq, Recife, PE, Brasil; sergio.benicio@pq.cnpq.br.

Abstract *The aim of this paper is to explore the discursive construction of Belo Monte Plant from the perspective of users and followers of social media on the internet. We seek to understand what image is being constructed by the society about motion and arguments through which individuals seek to legitimize their opinions. The approach of this work is developed from the perspective of Discourse Theory proposed by Ernesto Laclau and Chantal Mouffe and the reception studies in the media of Stuart Hall.*

Keywords: *Discourse Theory; Belo Monte Plant; Social Media*

Data de submissão: 30/1/2014

Data de aceite: 7/3/2014

Apresentação

Este artigo analisa os discursos de usuários e seguidores de mídias sociais na internet, especificamente em *sites* e *blogs* com conteúdo relativo a problemas ambientais, focalizando sua posição em relação à construção da Usina de Belo Monte, um dos projetos que constituem o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) do Governo Federal para o desenvolvimento da Amazônia. O projeto visa a construção da segunda maior usina hidrelétrica da América Latina. A intenção é problematizar como esses usuários abordam o assunto, que se encontra no centro de uma discussão polêmica que se estende há anos. A construção da usina divide opiniões entre aqueles que são contra o projeto ou que se mostram cautelosos – ambientalistas e universitários – e aqueles que são a favor do empreendimento – governo e empresas envolvidas.

Em 2011, a construção da Usina de Belo Monte tornou-se assunto nas redes sociais depois da vinculação de um vídeo da campanha “Gota d’água”, criada pelo ator Sérgio Marone e realizada em parceria com vários atores da TV Globo. Nessa campanha, diversos atores de fama nacional depõem contra a construção da usina, alegando ser um projeto inviável, que prejudicará o país (www.movimentogotadagua.com.br/). Dias depois de o vídeo ter criado “burburinho” nas redes sociais, um grupo de estudantes de engenharia da Unicamp, sob a liderança do professor Sebastião de Amorim, realizou um vídeo intitulado “Tempestade em copo d’água”. Com o mesmo formato do vídeo dos atores globais, os estudantes argumentaram em favor da construção da usina (www.tempestadeemcopodagua.com/) e criticaram as afirmações postadas no vídeo anterior, aumentando o debate na internet. O compartilhamento desses vídeos nos anos seguintes gerou um momento de discussão sobre as possibilidades positivas e negativas da construção da Usina de Belo Monte, bem como questionamentos relacionados com vários problemas ambientais enfrentados pela sociedade contemporânea. A disseminação desses vídeos, embora não marque o início das discussões sobre o assunto, pode ser considerada como uma forma de democratização e ampliação das discussões nas redes sociais, na internet e na sociedade.

A construção da Usina de Belo Monte desperta questionamentos oriundos da discussão em torno dos problemas ambientais e dos movimentos sociais ambientalistas que surgiram e seguem atuantes. Segundo Castells (1999), o movimento ambientalista é o de maior destaque dentre todos os movimentos sociais surgidos a partir de mudanças econômicas e sociais do último século. O ambientalismo é um movimento de luta contra uma lógica econômica, praticamente global, que leva à exaustão do meio ambiente e abusa da “diversidade da sua composição e formas de manifestação em cada país e cultura” (CASTELLS, 1999, p. 142).

Castells (1999) salienta ainda que muito do sucesso do movimento ambientalista decorre de sua evidente capacidade de adaptação às condições de comunicação e mobilizações através do novo paradigma tecnológico, especificamente, as mídias ou redes sociais. Isto porque as redes sociais já ultrapassaram mais de um bilhão de seguidores em todo o mundo e, em termos de comunicação, mostram-se como uma ferramenta poderosa para a comunicação social em todos os âmbitos da atividade humana.

As redes sociais possibilitam às pessoas criar e difundir conteúdo e exercer cidadania. A sociedade está vivendo uma mudança de paradigma na *web*. As relações não são apenas comerciais; as pessoas hoje se engajam por mudanças sociais. Exemplo disso são as assinaturas de petições *on-line* utilizadas como forma de cobrar ações do poder público. O compartilhamento de vídeos, *links*, protestos e manifestos nunca foi tão intenso, bem como os encontros de manifestações planejados nas redes sociais. As mídias sociais tornaram-se ambientes férteis de discussão sobre diversos assuntos que afetam a sociedade; os ativistas ambientais tornaram-se grandes usuários das redes sociais, divulgando ideias e imagens em velocidade surpreendente, o que justifica a relevância do estudo.

Sabendo que os significados em torno da construção da Usina Belo Monte se dão por meio de discursos, é relevante entender que imagem está sendo construída pela sociedade sobre esse movimento e através de que argumentos os indivíduos procuram legitimar suas opiniões. Assim, pretendemos caracterizar o discurso dos usuários e seguidores de mídias sociais na internet sobre a construção da Usina Belo Monte, identifi-

cando elementos na sua constituição, suas mudanças e os significados construídos ao seu redor na relação com o contexto sócio-histórico. A abordagem desse trabalho desenvolve-se na perspectiva da Teoria do Discurso proposta por Ernesto Laclau e Chantal Mouffe e nos estudos de recepção nos meios de comunicação de Stuart Hall.

Problematizando a Usina de Belo Monte

O projeto da Usina de Belo Monte prevê a construção de uma central hidrelétrica nas margens do rio Xingu, no estado do Pará, cuja barragem principal estará localizada a 40 quilômetros da cidade de Altamira, formando o Reservatório do Xingu. Parte da água desse reservatório será desviada por um canal de derivação de 20 quilômetros para outro reservatório intermediário, fechando uma área total de 516 quilômetros quadrados, e alagará partes dos municípios de Vitória do Xingu, Brasil Novo e Altamira (NORTE ENERGIA, 2011).

Para compreender este fenômeno, de uma forma resumida, apresentamos os eventos mais acentuados e que marcam o grau de tensão em torno da construção desse empreendimento gigantesco, fazendo um paralelo com as perspectivas teóricas de Laclau e Mouffe. Assim conseguimos dimensionar o tamanho do conflito e cruzar as informações para entender como todos esses acontecimentos refletiram no discurso da sociedade em torno da construção (ou não) da Usina de Belo Monte.

A noção de discurso desenvolvida por Laclau e Mouffe pode ser entendida como uma sequência de elementos em constante renegociação de seus significados num conjunto de discursos específicos (PINTO, 1999; BARRET, 1994/1999). Isto porque a Teoria do Discurso entende que todos os objetos e ações são significados, e seu objetivo é investigar como as práticas sociais são construídas (HOWARTH, 2000). Nessa perspectiva, podemos entender o projeto de Belo Monte como um conjunto de práticas sociais que são construídas por meio de uma constante renegociação de significados. O projeto da construção da usina e seu processo de articulação social são antigos. Estende-se há mais de vinte anos e já passou por diversas mudanças e adaptações. O ano que marca o início do projeto é

1975, quando foram realizados estudos do inventário hidrelétrico da bacia hidrográfica do rio Xingu. Cinco anos depois, em 1980, a Eletronorte deu início a estudos de viabilidade técnica e econômica do chamado Complexo Hidrelétrico de Altamira (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, 2011). Em 1989, foi realizado o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu para discussão dos impactos da construção da usina nas populações indígenas, que reuniu cerca de 3 mil pessoas (LUNA, 2010).

Em 2001, no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, foi divulgado um plano de emergência de 30 bilhões de reais para aumentar a oferta de energia no país. Esse plano incluía a construção da Usina de Belo Monte e mais catorze usinas por todo o país. Na mesma época, na tentativa de acelerar o processo de construção da usina, a Justiça Federal suspendeu os Estudos de Impacto Ambiental (EIA) da Usina de Belo Monte.

Em 2002, foi contratada uma consultoria para definir a forma como o projeto de Belo Monte seria realizado; no entanto, nada de efetivo foi divulgado, já que a pressão dos ambientalistas era muito forte e contava com o apoio do então candidato à presidência Luiz Inácio Lula da Silva, que lançou um documento intitulado “Lugar da Amazônia no Desenvolvimento do Brasil” enfatizando os impactos ambientais do projeto. Isto dificultou o trabalho da consultoria e atrasou o planejamento (LUNA, 2010).

Em 2007, o Tribunal Regional Federal da 1ª Região, de Brasília, autorizou a participação das empreiteiras Camargo Corrêa, Norberto Odebrecht e Andrade Gutierrez nos estudos de impacto ambiental da usina (NORTE ENERGIA, 2011). No entanto, em 2009, a Justiça Federal suspendeu novamente o licenciamento e determinou novas audiências para Belo Monte. Já em janeiro de 2011, o IBAMA concedeu à Norte Energia uma licença válida por 360 dias para a construção da infraestrutura que dará base à usina. Devido a esta licença, o ano de 2011 foi marcado por várias manifestações na tentativa de paralisar o andamento do projeto. No entanto, as obras continuam em andamento e já envolveram 25 mil trabalhadores (LEITE, 2013).

Em 2013, a Norte Energia revelou que, durante as obras da usina, foram descobertas jazidas de ouro em Belo Monte. No entanto, a em-

presa optou por cobrir de concreto o poço do possível veio para impedir que a construção da usina fosse atrasada por uma provável “corrida do ouro”, já que Belo Monte encontra-se a 400 quilômetros de Serra Pelada e próximo ao Sítio Pimental, local onde foi descoberta a maior mina a céu aberto do Brasil, a Belo Sun (LEITE, 2013). Nesse mesmo ano, a Polícia Federal desarmou esquemas de tráfico de mulheres e de drogas na região de Altamira, cidade mais afetada pela instalação da usina. Sociólogos argumentam que Belo Monte estimulou um aumento desordenado da população (46 mil habitantes) na região, sem nenhum planejamento e com estrutura deficiente, causando diversos problemas sociais (LOURENÇO, 2013).

Esses eventos podem ser considerados articulações entre aqueles que apoiam o projeto e aqueles que consideram Belo Monte um erro; é o que Laclau e Mouffe (1985) chamam de disputas pela hegemonia de discurso. Ao adotar esse termo, Laclau inaugura uma nova lógica do social, que exigirá um movimento estratégico constituído pela negociação entre *bases discursivas conflitantes* (LACLAU, 1990).

Assim, Laclau nos faz entender que os diversos discursos em torno de Belo Monte (seja o discurso do governo, o das ONGs, o das populações ribeirinhas e indígenas, o dos socioambientalistas ou o dos empresários) procuram hegemonizar-se nesse campo de disputas. Sabendo que as práticas sociais são sempre discursivas, ou seja, não existe uma natureza discursiva e outra não discursiva de um fenômeno, o que existe é uma cadeia de significados em que os sujeitos sociais lutam por estabelecer suas verdades. Laclau desenvolve sua noção de hegemonia por meio das seguintes categorias de análise: discurso, sujeito, cadeias de equivalência, práticas articulatórias, antagonismo social, ponto nodal, significante vazio (LACLAU e MOUFFE, 1985, p. 107).

Dessa forma, todo espaço social é um espaço discursivo se considerarmos, como tudo aquilo que articula, “todo o tipo de ligação entre palavras e ações, formando assim totalidades significativas” (LACLAU, 2000). Para Laclau e Mouffe (1985, p. 85), o processo de significação está baseado em três noções principais: 1) elemento; 2) momento; e 3) articulação. A primeira é considerada como “qualquer diferença que não

seja discursivamente articulada”. A segunda, momento, acontece quando posições diferenciadas aparecem articuladas em determinado discurso. A terceira, articulação, refere-se a qualquer prática que relacione os elementos de tal forma que suas identidades sejam modificadas, fazendo do discurso a totalidade dessa articulação. Assim, tudo está no discurso, “é o terreno primário da constituição de objetividade como tal” (LACLAU, 2005, p. 70, tradução nossa).

Como tudo está no discurso, a construção de Belo Monte é um campo discursivo, ou seja, um *momento*, em que *elementos* antes não conectados (governo, população local, ONGs, empresas) se relacionam num processo de *articulação*, modificando suas identidades de modo a se constituírem como totalidade dessa articulação, ou seja, num discurso.

O discurso é, então, a tentativa de dominar os significados na sociedade. Os pontos dos discursos mais privilegiados, ou seja, os *pontos nodais*, são, ao mesmo tempo, “alvos e resultados das lutas hegemônicas travadas numa dada formação social” (GIORDANI, 2009, p. 6). Nesse ponto, Laclau e Mouffe (1985) desenvolvem seu argumento sobre as lógicas que envolvem a construção do discurso, inserindo dois tipos de lógica que fazem parte dessa construção: a lógica da diferença e a lógica da equivalência. Laclau e Mouffe (1985) afirmam que, para serem equivalentes, dois termos precisam antes ser diferentes, pois a lógica da equivalência se sustenta a partir da diferença. Há sempre uma incompletude de sentido que possibilita a constituição do discurso. Laclau (2005) chama esta incompletude de antagonismo.

No caso de Belo Monte, o antagonismo se constitui na disputa entre os elementos que se posicionam favoráveis à construção e aqueles que são desfavoráveis ao projeto. Podemos dizer que o discurso “a favor” de Belo Monte possui como principal *ponto nodal* a ideia de progresso ou desenvolvimento do país e, no discurso de socioambientalistas e da população local, o *ponto nodal* dos argumentos está no impacto ambiental e social que a construção da usina causará à sustentabilidade do planeta. Esses posicionamentos não são estáticos e imutáveis, pelo contrário, apresentam-se como um contínuo que se aproxima ou se afasta de determinada posição.

Tensões em torno de Belo Monte

A construção da Usina de Belo Monte, como dito antes, tem visões conflitantes. Cenas públicas de tensão e movimentos de grupos específicos da sociedade fazem parte do histórico desse projeto. Por isso, consideramos importante retratar alguns dos principais acontecimentos que marcaram esse empreendimento ao longo desses vinte anos de discussão e tornar ainda mais claras as questões de antagonismo e práticas articulatórias que constituem esse discurso.

Um dos primeiros eventos marcantes aconteceu em fevereiro de 1989, durante o 1º Encontro dos Povos Indígenas do Xingu, em Altamira (PA). A índia Tuíra, em sinal de protesto, levanta-se da plateia e encosta a lâmina de seu facão no rosto do presidente da Eletronorte, José Antonio Muniz, que fala sobre a construção da Usina de Belo Monte. A cena é reproduzida em jornais e torna-se histórica. O encontro teve a presença do cantor Sting (LUNA, 2010). Este evento demonstrou o descontentamento dos povos indígenas da região com a construção da usina.

Em 2008, índios feriram um engenheiro da Eletrobrás durante um debate. No ano seguinte, quarenta pesquisadores de diversas universidades e institutos de pesquisa brasileiros e estrangeiros realizaram um painel de especialistas contendo aspectos sociais, culturais, econômicos, de saúde, segurança, educação dos índios da região e da viabilidade técnica e econômica da usina. O painel concluiu que a construção da usina é inviável, por apresentar custos sociais e ambientais elevados (MAGALHÃES SANTOS e HERNANDEZ, 2009). Enquanto isso, os órgãos do governo divergiam quanto à construção da usina. Em dezembro de 2009, o Ministério Público do Pará promoveu uma audiência pública com representantes dos índios do Xingu, fato que marcaria seu posicionamento contrário à obra (FARIELLO, 2010). No governo, o processo provocou uma discussão entre a ex-ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, e a presidente Dilma Rousseff, na época ministra da Casa Civil (BRITO, 2011). Sendo a primeira contra a construção da usina e a segunda incentivadora do projeto.

As manifestações de resistência contra a usina, realizadas por ambientalistas e populares há décadas, ganharam repercussão internacional

D O S S I E

nos últimos anos, devido, principalmente, à proximidade do leilão que definiria as empresas responsáveis pela construção da usina. Em abril de 2010, personalidades internacionais, como o diretor James Cameron e os atores Sigourney Weaver e Joel David Moore, participaram de um ato público contra a obra (ANDRADE, 2010). No mesmo mês, o Greenpeace despejou esterco bovino na entrada da Aneel (G1, 2010). Os manifestantes, com máscaras e acorrentados, empunharam bandeiras com frases como “O Brasil precisa de energia, não de Belo Monte”. No mesmo dia, cerca de quinhentos manifestantes protestaram contra a obra e, também, na Transamazônica e no Sítio Pimental, onde será construída a barragem de Belo Monte (G1, 2010).

Ainda em 2010, aconteceram eventos internacionais contra a Usina de Belo Monte. Foi lançado, em Paris, o livro *Memórias de um chefe indígena*, escrito pelo cacique Raoni – principal líder indígena no movimento contra Belo Monte – com prefácio do ex-primeiro-ministro da França, Jacques Chirac. Na cerimônia de lançamento do livro, o cacique Raoni foi recebido pelo presidente francês Nicolas Sarkozy, que demonstrou a posição contrária das autoridades francesas à construção da usina. Na mesma ocasião, o cacique ameaçou matar todos os “brancos” que construíssem as barragens em Belo Monte (CARDOSO, 2010).

O primeiro mês de 2011 foi marcado por eventos importantes em torno da construção de Belo Monte: a pressão do governo para a concessão da licença e o afastamento do então presidente do IBAMA, Abelardo Bayma, aumentaram a pressão, fazendo com que o IBAMA autorizasse o início das obras em Belo Monte e Pimental (NORTE ENERGIA, 2011; BRITO, 2011). No mesmo período, vinte associações e sociedades científicas brasileiras afirmaram rejeitar o empreendimento em Belo Monte por meio de uma carta remetida à presidente Dilma (XINGU VIVO, 2011). Foi realizado também um abaixo-assinado com 500 mil assinaturas da população em geral e de ecologistas e indígenas da região, além de a Justiça Federal do Pará cassar a licença para a construção da usina dada pelo Ministério Público (COSTA, 2011).

No entanto, mesmo com todas essas ações contra a construção da usina, o IBAMA voltou a afirmar a concessão ambiental que autoriza

o projeto em junho de 2011, no mesmo mês em que a Anistia Internacional, junto com a CIDH (Comissão Interamericana de Direitos Humanos), encaminhou pedido de suspensão da construção do projeto ao Conselho de Direitos Humanos da ONU (FOLHA DE S. PAULO, 2011). Na tentativa de pressionar o governo a desistir do projeto, no fim de outubro, aconteceu em Washington (EUA) uma audiência convocada pela CIDH sobre um suposto descumprimento de medidas cautelares que visam à proteção das populações indígenas do Xingu (LIMA, 2011). As denúncias haviam sido encaminhadas em novembro de 2010 por entidades ligadas aos direitos dos índios, no entanto, o Governo Federal não compareceu, alegando não ter uma representação definitiva do Brasil na OEA. Nesse mesmo dia, cerca de seiscentas pessoas, entre elas indígenas, pescadores e ribeirinhos, ocuparam o canteiro de obras da hidrelétrica e interditaram um trecho da rodovia Transamazônica (LIMA, 2011).

Esses antagonismos e resistências tão presentes no discurso em torno de Belo Monte são considerados fundamentais na teoria de Laclau, que o autor chama de campo de discursividade. O antagonismo é o que possibilita a formação de toda identidade. “A relação antagonônica se estabelece na medida em que a presença do ‘outro’ não permite que o ‘eu’ seja completamente ‘eu’” (PINTO, 1999, p. 84). Dessa forma, é possível dizer que a simples presença de um “outro” impede a total constituição de um “eu”, caracterizando um antagonismo.

Posto que uma identidade social é sempre incompleta e passível de mudanças, é através das práticas articulatórias e dos antagonismos que alguns discursos se sobressaem, possibilitando hegemonias. O discurso é articulador da hegemonia, buscando sempre um fechamento (mesmo que provisório) do significado. A hegemonia é, então, um conceito ou argumento vazio, uma identidade vazia, que comporta dentro da sua individualidade uma totalidade necessária e, ao mesmo tempo, inalcançável (LACLAU, 2005). Quando um discurso se universaliza a ponto de ser impossível significá-lo de forma exata, pode-se dizer que esse discurso é um significante vazio (MENDONÇA, 2007) e, portanto, hegemônico.

A construção da Usina de Belo Monte é um exemplo de movimento social que apresenta articulações e lutas ideológicas pela hegemonia do

significante. Este trabalho analisa o discurso de um grupo da sociedade a partir das discussões sobre a construção da Usina de Belo Monte, realizadas em fóruns e *chats* de *sites* e redes sociais na internet.

Este discurso é construído a partir das discussões nesses meios de comunicação. Os usuários aqui estudados não são, apenas, receptores da notícia. Como ensina Hall (2003), eles decodificam as informações e os demais discursos de outros sujeitos e formam seu discurso e cadeias de equivalência com outros discursos. Essa perspectiva foge do modelo tradicional de comunicação, que entendia a comunicação como um processo linear entre emissor e receptor. Em tempos recentes, esse modelo foi considerado simples demais para explicar a complexidade do processo de comunicação.

Hall (2003) faz uma crítica a esse modelo tradicional de comunicação na medida em que entende ser “também possível (e útil) pensar esse processo em termos de uma estrutura produzida e sustentada através da articulação de momentos distintos, mas interligados. Isto seria pensar o processo como uma ‘complexa estrutura em dominância’” (HALL, 2003, p. 387).

É possível entender que uma mensagem é sempre uma mensagem de “aparência” na forma de discursos. É nesse sentido que Kellner (2001) considera ser a cultura da mídia uma cultura dominante, e o conteúdo midiático é o “espelho” em que as famílias e os indivíduos se olham. Dentro do processo de comunicação, a mensagem codificada não é necessariamente idêntica à mensagem decodificada pelo receptor. “Os códigos de codificação e decodificação podem não ser perfeitamente simétricos.” Assim, o que chamamos de mal-entendidos, na verdade, é a *falta de equivalência* entre os dois lados na troca comunicativa (HALL, 2003, p. 391).

Hall (2003) sustenta que não há discurso inteligível sem a operação de um código. Alguns signos já estão tão disseminados/naturalizados na sociedade que parecem que não foram construídos. Sabendo que nem um signo é “natural”, é mais fácil desligar-se da concepção equivocada da tradição linguística de dois termos conhecidos: denotação e conotação.

Para Hall (2003, p. 395) não existe essa distinção entre denotação e conotação. Há apenas uma distinção *analítica*: “Ela é útil, na análise, por permitir o uso de um método prático que distingue aqueles aspectos de um signo que parecem ser considerados, em qualquer comunidade de linguagem e a qualquer tempo, como o seu sentido ‘literal’ (denotação), dos significados que se geram em associação com o signo (conotação)”. Esses termos servem para definir os níveis de ideologias em cada discurso e nos diferentes contextos.

A crítica de Hall (2003) à comunicação tradicional nos mostra a necessidade de superar esse modelo e entender a comunicação como um processo complexo de construção e disputa de sentidos. É pela comunicação que a diversidade poderá se atualizar e conviver, transformando os espaços sociais. E é nesse sentido que entendemos as práticas de articulação de sentidos, que são objetos deste trabalho. A comunicação é o motor para a manifestação da diversidade, por isso, deve-se pensar a comunicação na sua amplitude, superar a concepção unilateral do paradigma informacional e dar ênfase ao caráter relacional e participativo da comunicação. É nas discussões e participações que o discurso de Belo Monte se constitui, no intenso processo de codificação e decodificação de signos e códigos produzidos e reproduzidos pela mídia.

O advento de novas formas e tecnologias da comunicação, que revolucionaram o modo como as pessoas se comunicam, consomem e produzem conteúdo, são o exemplo de como o paradigma moderno precisa ser superado. A sociedade contemporânea vive o fenômeno das chamadas redes sociais ou mídias sociais, que têm várias características que as distanciam de mídias tradicionais como rádio, TV ou jornal. Nessas mídias há a possibilidade de criação e compartilhamento de dados que geram conteúdos e informações com custo praticamente zero (antes esta atividade restringia-se a grandes grupos de comunicação). Hoje, através das ferramentas de mídias sociais, qualquer pessoa pode publicar conteúdo nos mais diversos formatos.

Além disso, as mídias sociais dependem da interação entre as pessoas, o que possibilita a construção de conteúdos compartilhados, tendo como fio condutor a tecnologia. Por isso, escolheram-se para compor o *corpus*

dessa pesquisa conteúdos publicados nas mídias sociais em detrimento de outras mídias, como jornais ou TV, pela possibilidade de construção e interação de conteúdos do leitor/construtor em tempo real (CASTELLS, 1999; VIEIRA e NUNES, 2012).

Estratégias metodológicas

Para atingir o objetivo, a análise do fenômeno foi realizada através da Análise do Discurso (AD) (MINAYO, 2000), que trata de examinar uma ampla variedade de materiais e informações empíricas, tendo como conceitos-chaves para entender o fenômeno a Teoria do Discurso (TD) de Laclau e Mouffe (1985) apresentada anteriormente. Tomamos como fenômeno de observação comentários em fóruns e *chats* de discussão na internet. O período analisado estende-se de janeiro de 2010 até dezembro de 2011. Esse recorte foi dado, principalmente, por ser o período que coincide com o retorno das discussões sobre a construção da usina e pelo fato de apresentar um grande número de interações dos usuários e interesse em discutir o tema. Isto porque, neste período, as fontes analisadas continham uma quantidade expressiva de reportagens e debates sobre o tema da construção da Usina de Belo Monte.

Para a construção do *corpus*, precisaríamos selecionar os *blogs* e *sites* que representassem quantidade e conteúdo relevantes e que oferecessem diversidade em seus perfis, além de significativas frequência e assiduidade de indivíduos nas discussões sobre o assunto. Não basta apenas assiduidade nas discussões, mas também o número de postagens sobre o objeto analisado. Dessa forma, somado aos critérios citados, foi levado em consideração também o número de postagens sobre os acontecimentos em torno de Belo Monte e o número de comentários nas páginas. Dessa forma, teríamos um material de grande alcance e representatividade para ser analisado. Depois de uma pesquisa minuciosa, montamos nosso *corpus* com conteúdos de dois *blogs* e um *site*, representativos de um *corpus* de pesquisa adequado.

O primeiro corresponde a um *site* sem fins lucrativos, que discute os problemas ambientais do planeta com o objetivo de contribuir para o

aumento da consciência ambiental no Brasil (<http://www.problemasambientais.com.br>). O segundo é um *blog* que discute os problemas ambientais e sociais específicos da Amazônia (<http://blogdaamazonia.blog.terra.com.br>). O último, intitulado “*Blog do Sakamoto*”, é um *blog* que discorre sobre os assuntos “quentes” discutidos na sociedade, sobre temas diversificados, problemas cotidianos e que geram polêmica (<http://blogdosakamoto.uol.com.br>). Além dos *sites* oficiais das campanhas “Gota d’água” (www.movimentogotadagua.com.br) e “Tempestade em Copo D’água” (www.tempestadeemcopodagua.com).

Definido o *corpus* da pesquisa, demos início ao processo analítico, que nos permitiu identificar os enunciados que demonstram a opinião de forma clara. Os comentários foram cuidadosamente lidos, divididos em quadrantes, e foram selecionadas palavras-chave para nossas análises, as quais destacamos com diferentes cores para desenvolvermos algumas hipóteses. Nesse processo, procuramos respeitar, também, a sequência cronológica dos comentários, para tentar evitar a perda da linha de raciocínio da discussão. Assim, cada comentário destacado tornou-se um trecho selecionado, que foi transcrito para posterior análise.

Depois de lermos e destacarmos as palavras nos comentários, fizemos uma releitura dos mesmos, com o objetivo de explorar as falas dos indivíduos e identificar no discurso sobre a construção da Usina de Belo Monte as principais categorias da Teoria do Discurso de Laclau e Mouffe (1985). A partir dessa releitura, desenvolvemos uma familiaridade, que nos possibilitou identificar as informações que o discurso nos trazia acerca do objeto.

Do *site* “Problemas Ambientais” foram colhidos 106 comentários; do “Blog da Amazônia”, 162; e do “Blog do Sakamoto”, 108. Somados, esses comentários correspondem a um total de 376 opiniões. Esse material, junto com informações dos *blogs*, formou um caderno de dados com 153 páginas, em fonte *times new roman*, tamanho 12, com espaçamento simples, que não disponibilizamos aqui por questão de espaço. Nesse caderno estão todos os comentários na íntegra, junto com o estudo do material. Vejamos alguns quadrantes com comentários sobre o objeto de pesquisa:

Endereço Eletrônico, Título da Postagem, Ano	Comentário: 1) Elemento. 2) Significação (pontos nodais). 3) Posição do sujeito. 4) Cadeia de equivalência. 5) Diferenças. 6) Momento.	Estudo
http://www.problemasambientais.com.br Problemas ambientais: Hidrelétrica de Belo Monte 11 comentários 2010	Cristina (03.18.10 at 10:16) “Difícil é entender pra que tanta propaganda em defesa do meio ambiente (1) se na verdade o que mais vemos é o governo (1) destruindo o mesmo e ludibriando a população (1) que tudo aceita em nome do “avanço nacional” (2).	Articulação de elementos de significação contra a construção de Belo Monte
http://www.problemasambientais.com.br Problemas ambientais: Hidrelétrica de Belo Monte 11 comentários 2010	Gaby (09.25.10 at 11:28) Existem tantos outros meios de conseguir energia (2)!!!! q absurdo!! existem tantas manifestações idiotas (marcha da maconha, parada gay...) (4) pq a gente num se organiza e faz uma contra essa hidrelétrica q afetará milhares de famílias (1), destruirá a fauna e a flora (1)! sacrifícios, desastre ambiental, morte (2)! para fazer com q nós pessoas civilizadas e consumistas (3) tenhamos energia (1) para continuar consumindo e consumindo!!!!!!	Lógica da equivalência, mobilização equivalente aos movimentos sociais. Alternativas de gerar energia, as famílias do local, a destruição da fauna e da flora são elementos que se articulam no “momento” construção de Belo Monte na tentativa de significá-la como a destruição e morte da natureza e tornar o discurso contra a usina uma hegemonia discursiva.

Na primeira coluna são identificados o endereço eletrônico do *blog*, o título da postagem que gerou os comentários e o ano. A coluna do meio contém os comentários. A terceira coluna serve para estudar os comentários.

A constituição de posições diferenciais acerca da Usina de Belo Monte e sua busca pela hegemonia

Na análise baseada na obra de Laclau, o sujeito resiste e interage nos processos que constituem as relações sociais, e dentro desse movimento articula-se e transforma-se, criando novas formas de ver o mundo. Nesse emaranhado de relações, os significados são negociados num processo de hegemonia que se transforma, fazendo-se e refazendo-se permanentemente.

Observam-se cinco pontos de resistência e luta pela hegemonia: o discurso do Estado, o discurso das empresas, o discurso das ONGs e grupos ambientalistas, o discurso das populações locais (ribeirinhas e indígenas, governo estadual) e o discurso de usuários e seguidores de mídias sociais na internet. Este último, objeto da nossa análise, em alguma medida articula sentidos próximos dos três primeiros. Dentro do discurso dos usuários e seguidores de mídias sociais na internet, particularmente, observam-se dois pontos de luta pela hegemonia: existem aqueles favoráveis à construção da usina, por entenderem o projeto como fundamental para o desenvolvimento do país, e aqueles desfavoráveis ao empreendimento, por considerarem a construção da usina como um projeto danoso ao ambiente natural e social da região. Esses discursos evidenciam assim posicionamentos antagônicos, mas que têm a capacidade de se mover. Na interação/influência dos diversos discursos (Estado, empresas, ONGs e grupos ambientalistas e populações locais) expostos na mídia, o discurso dos usuários e seguidores dessas mídias sociais na internet articulam sentidos conexos em torno do objeto Belo Monte.

A presença do “outro”, para aqueles que apoiam a construção da Usina de Belo Monte, pode ser considerada uma situação de plena construção de sentido, que não está acabado, já traz em sua forma os limites de sua objetividade, impede uma constituição plena e final, ou seja, um último sentido generalizante.

Esses discursos, “a favor” e “contra”, que constituem a discussão sobre a Usina de Belo Monte, apresentam em suas estruturas cadeias de equivalências e de diferenças que os constituem e os diferenciam. O discurso dos favoráveis à construção da usina se coloca como mecanismo articulador em favor do sentido de que a Usina de Belo Monte é necessária para o progresso do país e para abastecer a demanda de energia da população (sentido equivalente ao discurso do governo e dos empresários). Este discurso (entendido aqui como a totalidade das práticas articulatórias) disputa espaço com o discurso daqueles que são desfavoráveis à construção da usina, compartilhado por ONGs e grupos ambientalistas e também de governanças locais (como o Governo Estadual e o Tribunal de Justiça do Pará). Estes discursos são práticas articulatórias que tentam fixar sentidos em torno

do objeto Usina de Belo Monte, que, por sua vez, faz parte de uma cadeia de significação que procura pontos nodais para se fixar. Neste caso, luta-se por estabelecer verdades, tentando eliminar do campo discursivo outros significados, formando equivalências entre elementos diferentes.

Mendonça (2007, p. 6) afirma que pontos nodais são aqueles “para onde convergem diversas identidades que anteriormente não estavam organizadas entre si”. Na relação antagônica identificada, tomando a concepção analítica de Laclau e Mouffe (1985), é possível perceber os momentos em que surgem os *pontos nodais* e o estabelecimento da prática articulatória sobre essa temática. Os principais pontos nodais encontrados no discurso sobre a usina que permitem o cruzamento dos discursos favoráveis e desfavoráveis à construção de Belo Monte são a esperança e/ou a preocupação com “o futuro” (9, 10, 42, 65, 82, 92, 124, 130, 131, 167, 186, 250, 285, 296, 348, 420, 444, 459, 485, 503, 531, 546, 577, 588)³. O futuro do país é considerado um ponto onde os elementos do discurso se encontram. Outro ponto são os possíveis “*impactos ambientais*” (5, 11, 39, 62, 65, 99, 290, 483) que serão causados pela construção, colocados como principais pontos nodais do discurso.

Outros pontos de significação podem ser vistos naqueles que se posicionam em favor da construção da usina e consideram Belo Monte como o início de um “avanço nacional” (1), “avanço do país” (7), “um futuro melhor” para o Brasil (9), “um milagre que transformará a região” (20). Já os que se posicionam contra a construção, consideram Belo Monte como “sacrifício, desastre ambiental, morte” (4) um “elefante branco” (5, 20), “crime contra a natureza” (5), “palhaçada” (10), causadora de “impactos ambientais” (11, 21), um “regresso da natureza” (18), “absurdo” (19, 21, 20), “etnocídio e genocídio” de populações indígenas e ribeirinhas (21, 33), “gigantesca ambição do homem branco” (31).

Como dito antes, o processo de significação está baseado em três noções principais: 1) elemento; 2) momento; e 3) articulação. O discurso se

³ Cada número posto entre parênteses equivale a um comentário, no qual aparece o termo considerado como ponto nodal do discurso, segundo a ordem em que aparece no quadro de análise que constitui o caderno de dados com todos os comentários analisados.

constitui no exato momento em que é possível instituir uma articulação entre todos esses momentos diferentes, estabelecendo relações de equivalência, em referência ao “outro”, o discurso inimigo numa fronteira antagônica. O discurso pretende organizar aquilo que estava disperso e isolado.

É possível dizer então que as duas posições discursivas, colocadas em confronto, possuem conteúdos diferentes e estabelecem relações antagônicas sobre o mesmo objeto. Assim, nas práticas articulatórias desencadeadas pela sociedade civil, o objeto é o mesmo: a Usina de Belo Monte. Mas, apesar de serem equivalentes, não são as mesmas, pois possuem sentidos antagônicos fixados ao redor dele, que caracterizam suas diferenças. Ou seja, mesmo aqueles cujo discurso é favorável à construção da usina se posicionam nessa direção por razões ou significados diferentes. Seus discursos não são idênticos, mas suas posições evidenciam a ideia de mito do progresso. Como pode ser visto no comentário irônico em resposta às opiniões contra Belo Monte:

Ótimo, então vamos todos viver sem eletricidade, esgoto e água encanada. Vamos voltar a habitar as cavernas ou ocas no meio do mato. Ou então, construir mais usinas térmicas altamente poluidoras movidas a carvão ou óleo... (273)

Apesar dos impactos ambientais, a construção da Usina de Belo Monte é importantíssima para o país. Para sustentar o crescimento econômico, de forma a reduzir o abismo social no Brasil. (290)

O mesmo acontece com o discurso daqueles que são desfavoráveis à construção da usina:

O governo não tem sensibilidade nenhuma, o que todos querem é o percentual de 10%. Ora, nós temos a maior hidroelétrica do mundo, que é a de Tucuruí e pagamos a maior conta de luz do País, quem se beneficia são outras regiões, porque a região Norte, para muitos, é somente a geradora de energia. (26)

Além de ser cara, não traz tantos benefícios assim! Não estão vendo os impactos a emergir? (27)

...na verdade, esses projetos só servem única e exclusivamente como um curral eleitoral desses políticos corruptos. (30)

Nos trechos citados, são evidenciadas as opiniões dos indivíduos sobre a usina e, desse modo, os sentidos articulados que se pretendem fixar. Neste ponto, o discurso dos favoráveis à Usina de Belo Monte defende o projeto como necessário para suprir a demanda de energia do país, assim como possibilitar o crescimento econômico e fugir das imposições estrangeiras (crença no progresso). Já os que argumentam contra o projeto propõem uma resistência e uma nova forma de entender o empreendimento, como um projeto causador de males para a natureza e para a população indígena (resgate social/preservação da natureza).

Como dito antes, Laclau afirma que o antagonismo entre termos é a condição de possibilidade para a constituição de toda identidade. No caso dessa análise, as práticas articulatórias em torno da construção da Usina de Belo Monte e seus antagonismos são as condições essenciais para o surgimento da hegemonia. É pelas práticas hegemônicas que se constituem os debates via discurso, espaços “onde os agentes sociais emergem como sujeitos conscientes do seu papel na história” (GIORDANI, 2009, p. 12).

Como afirma Laclau, o discurso é a totalidade estruturada resultante das práticas articulatórias. Dessa forma, faz-se necessário pontuar momento e elemento que constituem os significados no discurso. O discurso sobre a Usina de Belo Monte articula elementos na intenção de fixar significados: progresso X preservação da natureza; floresta X usina; índios X invasores; ribeirinhos X empresários; governo X população local; fazendeiros X índios; desenvolvimento X estagnação; estrangeiros X brasileiros; povo X Estado; ricos X pobres. Estes são alguns elementos que se transformam em momentos dentro do discurso sobre a construção da hidrelétrica. Esses elementos aparecem em momentos do discurso por meio de relações de equivalência no processo de interação e disputas antagônicas sobre os sentidos em torno do objeto. As disputas pelos sentidos que acontecem nesse campo social configuram a cadeia de equivalência em torno da Usina de Belo Monte, lembrando que esses sentidos estão sempre transitando entre os polos de significação em busca de fixação e de hegemonia.

O confronto desses discursos opostos em um amplo campo, que é a discussão em torno de um projeto do porte de Belo Monte, apresenta seus limites instáveis dentro de uma relação antagônica, em que é possível

identificar o surgimento de uma hegemonia. Hegemonizar um conteúdo, nas palavras de Laclau, seria “fixar sua significação em torno de um ponto nodal, o campo social pode ser visto assim como uma guerra de trincheiras em que diferentes projetos políticos pretendem articular em torno de si um maior número de significantes sociais” (LACLAU, 1990, p. 28).

Adquirir este caráter hegemônico é exatamente preencher um espaço vazio com seu conteúdo discursivo. É possível dizer que Belo Monte é um significante vazio. Tanto o discurso favorável a Belo Monte quanto o discurso desfavorável à usina possuem suas particularidades. Mas, ao mesmo tempo, partilham de “algo” em comum: o *futuro do país*. Os discursos de ambos os lados tendem a adquirir um caráter geral, um sentido que transmite a ideia de unidade, que seria o desenvolvimento do Brasil, mas que também apresenta sinais de precariedade e contingência: a questão da necessidade de preservação do meio ambiente e o progresso tecnológico e econômico do país.

Algumas considerações

A partir das noções do discurso propostas por Laclau e Mouffe (1985), discutiu-se o sujeito na tentativa de vislumbrar as relações sociais que são dialógicas. Posto que existem o sujeito, a sociedade e os discursos que circulam, e que esses discursos interagem concomitantemente através das práticas articulatórias, podemos entender que é exatamente esse movimento que atribui sentidos e os ressignifica continuamente. A existência do projeto Usina de Belo Monte aponta para sujeitos que emergem e se posicionam na busca de hegemonizar seus valores por meio de seus discursos. No caso da análise desse trabalho, são evidentes, no discurso dos usuários das mídias, duas identidades discursivas: uma favorável à usina, comum ao discurso do Governo Federal e das empresas envolvidas, e outra desfavorável ao projeto, comum ao discurso de ONGs nacionais e internacionais e de entidades locais (do Pará).

Essa dualidade de opiniões no discurso vem recheada com questionamentos e reclamações, que nos levam a discutir a forma pouco democrática com a qual o projeto vem sendo conduzido, a relação custo-

-benefício da obra, o destino da energia a ser produzida e a existência de uma política energética para o país. Mais que isso, as discussões acabam por limitar-se a uma lógica dualista, polarizada e, muitas vezes, maquiavélica, do bem contra o mal.

Esse projeto constitui-se como um significante vazio, que representa uma diversidade de coisas: o progresso, o bom ou mau “futuro” do país, e dentro dessa unidade estão presentes diferenças, como nos ensinou Laclau (1990), que constituem essa hegemonia: a destruição da natureza, a perda da Amazônia para organizações internacionais, o desrespeito com populações indígenas e ribeirinhas, a demonstração do poder das elites nacionais, uma imposição de governos oportunistas, o progresso, a necessidade de oferta de energia, etc.

Assim, tendo como base os entendimentos de Laclau (1990, 2000, 2005) e Laclau e Mouffe (1985), esse trabalho entendeu o discurso como um espaço de diálogos constantes, em que os sujeitos sociais estão permanentemente lutando pela hegemonia. No discurso sobre Belo Monte das mídias sociais analisadas existem vozes tentando hegemonizar suas posições em relação ao projeto. Podemos considerar que o discurso sobre a Usina de Belo Monte está dividido em duas principais frentes de batalha, numa dualidade, numa luta pela hegemonia. Apesar de a construção da usina estar em andamento, a sociedade não demonstra consenso evidente em relação ao projeto. As opiniões são divididas e influenciadas por discursos pontuais de ONGs, governos, empresas e entidades locais, mas giram em torno de um ponto nodal principal: o futuro do país. É preciso um diálogo aberto e democrático entre todos os sujeitos do discurso para que se possa evoluir a partir desse pensamento binário “nós X eles”. A sociedade precisa estar informada para poder agir nos campos discursivos de forma mais efetiva e consciente. Esta dualidade demonstra também que nenhum dos discursos apresenta proposta efetivamente clara para resolução das questões e problemas que envolvem a construção da Usina de Belo Monte. Tanto o discurso em favor da construção, baseado na ideia de progresso do país, quanto o discurso contra a construção da usina – que, de modo geral, não leva em consideração as necessidades de demanda de energia elétrica – não oferecem propostas

satisfatórias que contemplem todas as dimensões de um empreendimento gigantesco como a Usina de Belo Monte. Como é possível pensar a Usina de Belo Monte de forma econômica, social e ambientalmente viável?

Referências

- ANDRADE, R. James Cameron participa de ato contra Belo Monte. *O Estado de S.Paulo*, 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/economia,james-caoeron-participa-de-ato-contra-belo-monte,537357,0.htm>>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- BARRET, M. Ideologia, política e hegemonia. In: ADORNO, T. W. e outros. *Um mapa da ideologia*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1994/1999. cap. 2, p. 235-264.
- BRITO, A. IBAMA dá licença parcial para Belo Monte. *Folha de S.Paulo*, 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me2701201130.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- CARDOSO, C. Em Paris, cacique Raoni lança livro e faz lobby contra Belo Monte. RFI Português, 2010. Disponível em: <<http://www.portugues.rfi.fr/brasil/20100503-em-paris-cacique-raoni-lanca-livro-e-faz-lobby-contra-belo-monte>>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- CASTELLS, M. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- COSTA, G. Governo recebe abaixo-assinado contra Usina Hidrelétrica de Belo Monte. Agência Brasil, 2011. Disponível em: <<http://agenciabrasil.abc.com.br/noticia/2011-02-08/governo-recebe-abaixo-assinado-contra-usina-hidreletrica-de-belo-monte>>. Acesso em: 2 jun. 2013.
- FARIELLO, D. Força-tarefa combate liminares. Valor Econômico, 2010. Disponível em: <<http://www.valor.com.br/arquivo/818861/forca-tarefa-combate-liminares>>. Acesso em: 20 de janeiro de 2013.
- FOLHA de S.Paulo. Governo derruba liminar contra licença ambiental de Belo Monte. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mercado/me0403201117.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- G1. Acorrentados, manifestantes protestam contra Belo Monte. 2010. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia-e-negocios/noticia/2010/04/acorrentados-manifestantes-protestam-contra-belo-monte.html>>. Acesso em: 24 jan. 2012.
- GIORDANI, R. Hegemonia e discurso: o sujeito que resiste. Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Paraná, 2009. Disponível em: <http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_007/LINGUAGEM/Hegemonia.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- HALL, S. Da diáspora: identidade e mediações culturais. Organização Liv Sovik; Tradução Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 131-159.
- HOWARTH, D. *Discourse*. Open University Press, 2000.
- INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. Cronologia do Projeto. 2011. Disponível em: <<http://www.socioambiental.org/esp/bm/hist.asp>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2013.

- KELLNER, D. *A cultura da mídia: estudos culturais, identidade e política entre o moderno e o pós-moderno*. Bauru: EDUSC, 2001.
- LACLAU, E. *La guerre des identités: grammaire de l'émancipation*. Paris: La Découverte/M.A.U.S.S., 2000.
- . *Nuevas reflexiones sobre la revolución de nuestro tiempo*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1990.
- . *On Populist Reason*. London: Verso, 2005.
- ; MOUFFE, C. *Hegemony and Socialist Strategy. Towards a Radical Democratic Politics*. London: Verso, 1985.
- LEITE, M. A Batalha de Belo Monte. *Folha de S.Paulo*, 2013. Disponível em: <<http://arte.folha.uol.com.br/especiais/2013/12/16/belo-monte/index.html>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- LIMA, L. OEA convoca reunião entre governo e índios para discutir Usina de Belo Monte. Agência Brasil, 2011. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2011-10-19/oea-convoca-reuniao-entre-governo-e-indios-para-discutir-usina-de-belo-monte>>. Acesso em: 23 jan. 2013.
- LOURENÇO, I. CPI quer convocar presos envolvidos com tráfico de pessoas na região da Usina de Belo Monte. Agência Brasil, 2013. Disponível em: <<http://agencia-brasil.jusbrasil.com.br/politica/103948024/cpi-quer-convocar-presos-envolvidos-com-traffic-de-pessoas-na-regiao-da-usina-de-belo-monte>>. Acesso em: 16 jan. 2014.
- LUNA, D. Facões, artistas e contradições cercam Belo Monte. Reuters/O Estado de S.Paulo, 2010. Disponível em: <http://economia.estadao.com.br/noticias/economia,facoes-artistas-e-contradicoes-cercam-belo-monte,not_14438.htm>. Acesso em: 20 jan. 2013.
- MAGALHÃES SANTOS, S.; HERNANDEZ, F. (Orgs.). Painel de Especialistas: Análise Crítica do Estudo de Impacto Ambiental do Aproveitamento Hidrelétrico de Belo Monte. International Rivers, 2009. Disponível em: <http://www.internationalrivers.org/files/attached-files/belo_monte_pareceres_ibama_online_3.pdf>. Acesso em: 27 jan. 2014.
- MENDONÇA, D. *A Teoria da Hegemonia de Ernesto Laclau e a Análise Política Brasileira*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2007.
- MINAYO, C. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. 17. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- MINISTÉRIO PÚBLICO FEDERAL NO PARÁ. MMF/PA: condicionantes para autorizar Belo Monte não foram cumpridas. 2011. Disponível em: <<http://www.prpa.mpf.gov.br/news/2011/mpf-pa-condicionantes-para-autorizar-belo-monte-nao-foram-cumpridas>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- NORTE ENERGIA. UHE Belo Monte IBRACON. 53ª Congresso Brasileiro de Concreto. Florianópolis, SC, 3 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.ibracon.org.br/eventos/53CBC/pdfs/IBRACON-FLORIANOPOLIS-NOV.2011.pdf>>. Acesso em: 20 dez. 2013.
- PINTO, C. R. J. Notas a propósito de Ernesto Laclau. *Revista de Ciências Sociais*, Montevideu, v. 15, p. 36-48, 1999.
- XINGU VIVO. Questão de Belo Monte é levada ao Conselho de Direitos Humanos da ONU. Xingu Vivo, 2011. Disponível em: <<http://www.xinguvivo.org.br/2011/06/03/questao-de-belo-monte-e-levada-ao-conselho-de-direitos-humanos-da-onu/>>. Acesso em: 24 jan. 2013.
- VIEIRA, M.; NUNES, M. Como as redes sociais alavancam os movimentos ambientalistas. Disponível em: <<http://campus.fac.unb.br/campus-tv/item/1970-especial-ambientalismo-20>>. Acesso em: 2 out. 2012.